



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 32

Missão impossível

Branca Vianna: Está começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Muito antes de ter mensagens que se apagavam automaticamente no WhatsApp, tinha métodos mais artesanais, um pouco mais brutos, de preservar o sigilo de um recado.

Tem uma série que passava quando eu era bem criança, em que o ponto central da trama era um recado gravado numa fita que se destruía. Não era nem uma fita K7, era fita num gravador de rolo. A mensagem tocava, passavam uns poucos segundos, e depois o gravador queimava a fita ali mesmo. Bem dramático, com a fumaça saindo do meio dos rolos. Ou você escutava com muita atenção, ou já era. Você só tinha uma chance.

Pelo que a gente vê dos relatórios de audiência do Rádio Novelo Apresenta, você não deve ter idade pra ter visto essa série. Mas você deve conhecer por causa do que veio depois dela. Essa fita autodestrutiva sempre abria falando a mesma coisa:

“Sua missão, caso você decida aceitá-la...”

Pois é, as fitas misteriosas autodestrutivas tinham saído um pouco de moda até o filme Missão Impossível.

Por motivos óbvios, você não vai ver Tom Cruise com o ouvido colado num gravador de rolo. Mas eu gosto de pensar nessa cena porque é um exercício de escuta. Nessa série, o primeiro passo de uma missão impossível é uma escuta atenta. Um ouvido tentando gravar uma história.

Essa semana, a gente tem duas histórias de missões impossíveis. De pessoas tentando alcançar pra além do que a gente acha que seria possível. Pensando fora da caixa. Sonhando grande. E nem sempre conseguindo.

A primeira história quem conta é a Paula Scarpin.

ATO 1

Paula Scarpin: A Juliana Gragnani sempre gostou de carnaval. Mas, quando ela arrumou um trabalho na BBC e se mudou pra Londres – talvez por identidade reativa, sei lá – ela ficou mais carnavalesca ainda. Então, sempre que dá, ela tira férias nessa época e vem pro Brasil ainda no pré-carnaval, pra tentar pegar o máximo de blocos e festas e micaretas que ela conseguir... E, quando ela vem, ela sempre aproveita pra visitar a avó dela.

Juliana Gragnani: Nessa época do carnaval eu fui pra casa dela, fiquei mostrando pra ela umas marchinhas, e aí ela sabia cantar todas e eu fiquei: "Vó, que legal, né? Eu ainda canto as mesmas músicas que você cantava na época do carnaval".

Paula Scarpin: Aí, nessa visita, agora no carnaval de 2023, a Juliana se deu conta de que ela ia ter que dar um jeito de voltar mais uma vez pro Brasil ainda nesse semestre.

Juliana Gragnani: Eu estava com vários amigos, e aí depois a gente foi pra casa de uma amiga e ficamos lá conversando depois do bloco e tal. E esse grupo de amigos conhece a minha avó, que se chama Maria Elisa, mas ela é conhecida como vovó Elisinha. E eles conhecem a minha avó porque um dia eu levei eles lá pra almoçar na casa dela. Então eu falei: "Gente, vocês vão no aniversário de 100 anos da vovó Elisinha?"

Paula Scarpin: A vó da Juliana, a vovó Elisinha, ia fazer 100 anos. Quer dizer: data redonda é legal, a gente sempre capricha na comemoração. Mas é difícil achar uma data tão redonda quanto "100", né? São poucos os privilegiados que chegam aos três dígitos de idade.

Juliana Gragnani: Nasceu em 1923 a véinha.

Paula Scarpin: E, além da data redonda, a Juliana tava empolgada com a festa porque ela sempre teve uma conexão especial com essa avó. Primeiro, por uma questão de identificação.

Juliana Gragnani: Eu sou muito parecida. Eu acho que eu puxei completamente ela, assim, de tipo – de fisionomia e – E aí tudo que acontece com minha vó eu acho que vai acontecer comigo também. Sempre achei. Tipo assim: "Vó, quando que a senhora começou a ter cabelo branco?" Eu fico tentando imaginar, sabe? Porque a gente realmente é muito parecida.

Paula Scarpin: Mas a Juliana é apegada à vó Elisinha não só porque ela se enxerga nela. Ela cresceu frequentando muito a casa da avó.

Juliana Gragnani: A casa dela sempre foi um lugar muito gostoso pra gente ir. Tem um quintal bem grande. Meu pai construiu uma casinha da árvore assim, pra– pra mim e pro meu irmão mais velho, quando a gente era pequeno nesse quintal, então a gente ia lá brincar... Eu passei muito tempo da minha infância naquela casa com ela e brincando. A gente jogava muito jogo de tabuleiro com a minha vó. Eu, o meu irmão mais velho e a minha vó.

Ela dirigiu até os 90 e poucos anos, que foi um perigo pra sociedade. Porque ela dirigia muito mal. Não só pela idade, acho que ela sempre dirigiu mal. Quando dirigia ela também me levava para os lugares, eu lembro de ela me levar pra coisa da escola e tal. E era engraçado...

Paula Scarpin: Você tinha medo dela dirigindo?

Juliana Gragnani: Tinha, tinha um pouco de medo. Dirigia muito devagar, e as pessoas xingavam ela, e ela só falava: "Deus abençoe", "Deus abençoe".

Paula Scarpin: "Deus abençoe". Vou guardar essa pra quando eu fizer alguma barbearagem no trânsito.

Paula Scarpin: Mas a Juliana queria ajudar a armar uma comemoração à altura dessa figura que é a vó Elisinha. A primeira coisa que ela fez foi se incumbir da lista de convidados.

Juliana Gragnani: Então eu fui falando: "Vó, vai lembrando as pessoas que são importantes para você". Aí primeiro ela convidou meus amigos– foi muito fofa. Ela falou assim: "Seus três amigos que vieram aqui almoçar uma vez". Aí eu falei: "tá bom", eu coloquei na lista. E aí ela foi falando os nomes, e assim, eu ri muito. Espero que os convidados não ouçam, mas eu– porque são os nomes muito velhinhos, de velhinhos. Amigos mais próximos: Conceição, a portuguesa. Seu Antônio, marido da Conceição. Dona Francelina. Ida, italiana. Isa. Dona Iole. Marido da Dona Iole. Filha da Dona Iole. Seu Mercí. Esposa de seu Mercí. Marisa. Dona Eugênia. Maria Inês. Maraísa. Silvío, marido da Maraísa. Maria e Max. Colegas de trabalho: Maria Cume e Ivanide. Eu falei: "Vó, a senhora ainda tem colegas de trabalho?"

Ela: "sim, elas eram mais novas". Eu não sabia. Eu acho que eu vou conhecer elas agora.

Paula Scarpin: A vovó Elisinha era economista e trabalhou numa seguradora até se aposentar. Mas, uma vez concluída a lista de convidados, a Juliana teve a ideia de montar também uma "exposição" na casa da vó Elisinha, pro dia da festa.

Juliana Gragnani: E eu vou fazer lá uma exposição de 100 anos. Os últimos 100 anos, os acontecimentos dos 100 anos intercalados com acontecimentos da vida dela e tal. Vou fazer uma exposição na parede.

Paula Scarpin: Só que, pra celebrar uma ocasião dessas, cuidar da lista de convidados, preparar uma exposição, tirar uns dias de folga e cruzar o oceano de novo parecia pouco.

Juliana Gragnani: Eu tô com um problema muito grande, porque eu não sei o que dar de presente pra alguém de 100 anos.

Paula Scarpin: O presente. O presente não podia ser qualquer coisa. Um pijaminha, uma pantufa. Tinha que ser uma coisa grande, à altura da data.

Juliana Gragnani: A gente começou a fazer um brainstorming depois do carnaval. Todo mundo, ninguém muito sóbrio e a gente rachando o bico.

Paula Scarpin: Um brainstorming de foliões bêbados depois do bloco. Não tinha como dar errado. Mas e aí, que que a gente faz quando a gente quer dar um presente com "a cara" da pessoa? A gente começa pensando nos interesses dela, nas coisas que ela gosta.

Juliana Gragnani: Ela é muito, muito católica. Assim, você entra na casa dela, tem mil imagens de Jesus, Nossa Senhora, tudo aquilo.

Paula Scarpin: Beleza. Catolicismo. É um bom ponto de partida. Se fosse um aniversário qualquer, dava pra pensar numa imagem bacana de um santo de que ela fosse devota, sei lá, mandar rezar uma missa em homenagem a ela.

Juliana Gragnani: Pensei: "Vou mandar rezar cem missas em cem lugares diferentes, cem igrejas diferentes no mundo".

Paula Scarpin: Cem anos, cem missas. Bacana. Simbólico. Mas os amigos da Juliana acharam pouco.

Juliana Gragnani: Aí eu falei: "Não, e se eu conseguir um áudio de um arcebispo de São Paulo, tipo Dom Odilo e tal?"

Paula Scarpin: Lembrando que todo mundo ali tava bêbado. E a gente sabe: o álcool entra, a megalomania sai.

Juliana Gragnani: E aí alguém falou – eu não lembro quem falou assim: "Gente, vamos tentar o papa". E aí a gente rachou o bico, falou: "Será?" Aí, sei lá, "Vamos falar com a Ilze Scamparini", sei lá o quê. Jogamos umas ideias assim pra tentar o papa.

Paula Scarpin: Na hora, parecia uma ideia ousada. Mas factível.

Juliana Gragnani: E aí, isso passou e alguns dias. Eu pensei seriamente...

Paula Scarpin: E aí a Juliana resolveu levar a ideia pro pai dela. Que é o filho da vó Elisinha.

Juliana Gragnani: Eu falei: "Olha, isso é meio uma loucura, assim, mas acho que vou tentar escrever para o papa". Meu pai falou: "Você tá louca". "Nem a pau", e tal, "não vai dar certo". E aí eu fiquei com aquilo na cabeça.

Paula Scarpin: O álcool já tinha saído do corpo, a megalomania já tinha passado, mas a Juliana entrou numa vibe tipo: "O 'não' você já tem".

Juliana Gragnani: E aí eu voltei pra Londres, e comecei a pesquisar. E aí joguei no Google: "Como falar com o papa?". E, desde o princípio, a minha ideia era em nenhum momento eu falar que eu era jornalista ou mandar do e-mail do trabalho e tal. Não ia dar essa carteirada. Senão ia ser via imprensa. Falei: "Vou como cidadã".

Paula Scarpin: Uma fiel normal.

Juliana Gragnani: Exato. Uma fiel, uma cidadã. E aí comecei a googlar. Encontrei lá um endereço de e-mail, de e-mail genérico do Vaticano e tal. E aí eu – tinha lá até o Wikipédia, aquele WikiHow que é meio de zoeira, assim, "como se dirigir ao papa". Fiquei lendo essas coisas e aí falei acho que tem um Whatsapp ligado aqui. Aí eu falei: "Vou escrever essa carta pro Papa". Até mandei nesse grupo de amigos.

Paula Scarpin: O grupo de amigos no WhatsApp – o mesmo pessoal do carnaval, do brainstorming.

Juliana Gragnani: "Gente, em que língua me dirijo ao Papa? Será que escrevo em português, em espanhol, inglês ou latim?"

Paula Scarpin: Você sabe escrever em latim?

Juliana Gragnani: Então, eu estudei letras, ainda lembro um pouco de latim da USP, da letras e tal, do meu curso. Será? Enfim. A Aline, minha amiga, riu, falou: "Adorei a consideração pelo latim, mas acho que tem que escrever espanhol, né? Papa argentino".

Paula Scarpin: Língua definida: espanhol. Claro, papa argentino. Boa. E essa lembrança fez a Juliana começar a pensar no conteúdo da carta.

Juliana Gragnani: E aí eu falei: "Péra, eu preciso colocar aqui umas referências muito argentinas pra tocar o coração do papa". E aí? Bom, aí eu lembrei de duas coisas: 1) a mãe da minha avó, que nasceu em 1900. Ela morou um tempo na Argentina. Ela morou em Buenos Aires quando ela tinha 15 anos, em 1915, e aprendeu a tocar piano. Lá, foi morar com umas tias, então foi preciso apurar direito essa história. E aí eu liguei pra vovó Elisinha. Apurei a história da mãe dela e fui perguntando: "Vó, como foi, por que que a sua mãe foi lá e tal?" Fiz algumas perguntas e aí apurei isso.

Paula Scarpin: "Papa Francisco, olha só: a vó Elisinha vai fazer 100 anos, e vocês têm tudo a ver! A mãe dela morou na Argentina!" Irresistível. Essa era a primeira coisa.

Juliana Gragnani: E a segunda eu falei tem um grupo de amigos hispânicos aqui de Londres, vou mandar pra eles pra ver o que eles acham. Se alguém pode— queria um argentino para revisar a minha carta.

Paula Scarpin: A Juliana não só queria mandar uma carta recheada de referências argentinas. Ela queria que o espanhol fosse porteño.

Juliana Gragnani: Eu tenho um grupo de amigos hispânicos, a gente tem um grupo de cinema que o povo gosta de ir ao cinema junto, que gosta de falar sobre filme, e a gente sempre marca durante a semana de ir ao cinema, junto esse grupo de amigos hispânicos. E aí eu falei assim: "Gente, desculpa mudar de assunto aqui, mas enfim, essa história, minha vó vai fazer 100 anos e tal. Escrevi uma carta, eu quero que um amigo argentino revise". E tinha lá os argentinos num grupo. Aí uma uruguaia falou: "Eu posso revisar e tal", mesma coisa. E aí o pessoal foi respondendo e uma amiga respondeu assim: "Ah, eu tenho um contato no Vaticano". É uma amiga argentina. Aí eu mandei assim: "Hahaha, no me lo creo", tipo, até parece. Uma outra amiga mexicana mandou: "No mames", o pessoal lá, ninguém acreditou.

Paula Scarpin: Tipo: tá, eu tenho um contato da Beyoncé também, anota aí: beyonce@queen.com... Até parece. Aí, passou uns dias...

Cecilia: Juli, ¿estás por ahí? Escúchame. Te tengo que contar algo.

Paula Scarpin: A Cecilia, a amiga argentina da Juliana, mandou um áudio por WhatsApp.

Cecilia: Conseguí el contacto del... del Vaticano.

Juliana Gragnani: Eu fui assim: "Cecilia, como assim? Que história é essa?"

Paula Scarpin: A Juliana não estava levando muita fé nessa história.

Cecilia: ¡Vaya, pelotuda! ¿Cómo te voy a mentir?, ¡pelotuda!

Juliana Gragnani: Ela falou: "Olha, meu pai conhece esse cara. E eu uma vez fui visitar o Vaticano. A gente não tinha horário lá" – não sei, ela não tinha marcado. "Escrevi pra esse cara no Facebook e esse cara me colocou lá dentro. E aí tirei até uma foto com o Papa". Não: "Hasta tengo una foto con Panchito". Te mando, assim, tenho uma foto com ele.

Paula Scarpin: Panchito!

Juliana Gragnani: Sim!

Paula Scarpin: "Panchito", eu descobri depois, é o apelido argentino do Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco. E a Cecilia, a amiga argentina da Juliana, tinha um contato tão quente no Vaticano que ela tinha descolado uma selfie com o papa.

Juliana Gragnani: E aí ela falou assim: "O nome dele é Monsenhor". E aí eu enfim, fiquei chocada. "Você manda e-mail pra ele que vai dar certo."

Paula Scarpin: A gente censurou aqui o nome do monsenhor pro inbox dele não virar um inferno.

Juliana Gragnani: Aí eu googlei ele, e o Monsenhor era super importante. Cara que trabalha há décadas no Vaticano, sei lá.

Paula Scarpin: E aí, vamos combinar também que aí a coisa muda completamente de figura. Tipo: uma coisa é você descobrir, no WikiHow, qual é o endereço da caixa de spam do Vaticano e tentar a sorte. Com o endereço de um monsenhor próximo do papa, existia a chance – ainda que remota, vai – desse e-mail efetivamente chegar no papa. De ele ler esse e-mail. Quer dizer: tinha que caprichar.

Juliana Gragnani: Eu fui falando com vários amigos. Fui jantar na casa de uma amiga aqui, que é meio de propaganda de marketing. Ela falou assim: "Não, você precisa colocar uma foto da sua avó".

Paula Scarpin: Anota aí: uma imagem vale mais do que mil palavras. Mesmo que essas palavras sejam em espanhol portenho. E aí, quando a amiga publicitária da Juliana deu essa dica, ela lembrou de uma coisa.

Juliana Gragnani: Assim, você entra na casa dela, tem mil imagens de Jesus, Nossa Senhora, tudo aquilo. Tem até uma foto do papa. Eu nem sei da onde surgiu essa foto do papa. Eu reparei última vez que eu estava lá foi: "Nossa, olha essa foto do papa".

Paula Scarpin: A vó Elisinha tem uma foto bem grande do papa Francisco na casa dela.

Juliana Gragnani: Aí eu liguei para a cuidadora da minha vó, falei: "Você pode – sem falar pra ela por quê – colocar ela embaixo da foto do papa e me mandar uma foto?" Ela fez isso, me mandou uma foto super fofa.

Paula Scarpin: Essa foto tá lá no site da Novelo. E, beleza, agora ela já tinha a ilustração perfeita pra carta. O texto tinha que tá à altura.

Juliana Gragnani: Eu coloquei como assunto do e-mail: "Pedido especial". "Pedido especial – Abuela 100 años", assim. E aí eu escrevi o e-mail do fundo da minha alma. A Cecília, essa minha amiga argentina, falou assim: "Você precisa começar com "que Dios le bendiga".

Paula Scarpin: "Deus te abençoe".

Cecilia: Decile: "Monseñor, ante todo... Dios lo bendiga, me pongo en contacto con usted por motivo de blablabla"

Juliana Gragnani: E aí eu escrevi dirigindo ao Monsenhor, explicando pra ele toda a história e falando: "Seria incrível..." Depois eu posso ler essa carta, se você quiser.

Paula Scarpin: Óbvio que eu quis, né? Lembrando que a Juliana escreveu em espanhol, mas acho que no grosso, dá pra entender.

Juliana Gragnani: Estimado Monseñor, Que Dios lo bendiga. Espero que esta carta lo encuentre con buena salud y ánimo. Mi nombre es Juliana y le escribo desde Brasil con un pedido muy especial. Mi abuela, Maria Elisa Gragnani, está a punto de cumplir 100 años y es una devota católica del

Papa Francisco. En su casa tiene una imagen de él y reza todas las noches por él. Para ella, el Papa es una figura importante y admirada de nuestra fe. Aunque somos brasileños, siempre oímos sobre el tiempo en que la madre de mi abuela vivió en Argentina. Nació en 1900 y fue con 15 años a Buenos Aires, donde aprendió a tocar el piano. Esta conexión con Argentina hace que la devoción de mi abuela hacia el Papa y su obra sea aún más fuerte.

Como católicos, sabemos que los cumpleaños son un momento de agradecer a Dios por todas las bendiciones recibidas. Mi abuela ha sido bendecida con una vida larga y plena. Nació el 8 de mayo de 1923 y vive siempre feliz, sonriendo y ayudando a los otros. Tiene un corazón muy generoso. Creemos que una bendición del Papa sería una manera maravillosa de celebrar su vida y agradecer a Dios por su existencia. Sería un gran regalo sorpresa si él pudiera enviarle un feliz cumpleaños por audio, vídeo o texto.

Sé que usted es amigo cercano del Papa Francisco y por eso me dirijo a usted con un pedido. De antemano, gracias por su tiempo y consideración. Espero su respuesta y quedo a la espera de buenas noticias. Que Dios lo bendiga a usted y al Papa Francisco.

Saludos cordiales,
Juliana Gragnani

Paula Scarpin: Eu não sei o quanto você entendeu da carta da Juliana, mas teve uma coisa que me chamou muito a atenção. E que eu não consegui não perguntar.

Paula Scarpin: Ju, você acredita?

Juliana Gragnani: Não, não.

Paula Scarpin: Todo o texto dessa carta é profundamente crente.

Paula Scarpin: Mas a carta você fala como católica, você abre falando "que Dios lo bendiga", fala "de nuestra fé". "Como católicos, sabemos"... tô assim, pinçando umas coisas – queria saber se, tipo se isso era estratégia, assim. Quanto isso era estratégia, quanto que você estava assim: "Eu, enquanto neta da vó Elisinha, faço parte dessa coisa".

Juliana Gragnani: Não, isso foi 100% estratégia, eu vou pro inferno depois. Assim, eu 100% pequei, né?

Paula Scarpin: Tá muito crente, tipo, "eu vou pro inferno"...

Juliana Gragnani: Eu 100% pequei redigindo essa carta. Eu pensei muito nisso também. Eu perguntava pra todo mundo: "Gente, eu estou pecando se

eu disser isso assim? Tá tudo bem?" E foi 100% estratégia. Imagina, eu não sou essa pessoa. Mas o que eu ia falar? "Oi, aqui é uma pessoa completamente atea pedindo pra minha vó que tem fé"? Não sei, realmente eu preciso refletir sobre isso, discutir na terapia. Não, foi uma estratégia. Eu não acredito. Eu não sou, assim, verdadeiramente fã da Igreja Católica. Eu sei que tem vários problemas, mas eu precisava conseguir uma carta do papa pra minha vó. Assim, desde aquele ano, daquela tarde em que eu conversei com meus amigos, eu tive a ideia. A gente teve a ideia de tentar alguma coisa do papa. Como você vê na carta, eu peço um áudio, vídeo ou texto, por que qualquer coisa.

Paula Scarpin: Tá valendo, qualquer coisa.

Juliana Gragnani: Tá valendo qualquer coisa. Eu botei isso na cabeça. Eu falei "Gente, eu tenho que conseguir, por que não? É possível, então tem que ser possível." E é aí, acho que foi. Acho que eu – nem nem passou pela minha cabeça, não – ou nem passou pela minha cabeça escrever de uma forma completamente honesta, o que talvez diga um pouco sobre mim? Não sei. Então eu peço desculpas aos fiéis, mas isso a gente tem que usar algumas estratégias para conseguir uma coisa tão grande quanto a carta do papa. Mas espero que eu espero que esses meios não não cancelem a carta do Papa para minha vó. Imagine o papa ouvir Rádio Novelo e fala assim: "Vou retirar, devolve essa carta, vou excomungar essa fiel e devolver – e vou pedir essa carta de volta".

Paula Scarpin: Ele excomungaria você, não ela, eu acho, assim.

Juliana Gragnani: Ah, espero que não.

Paula Scarpin: Assim, considerando que a gente esteja atingindo essa audiência, o que eu duvido um pouco. Nem nos meus sonhos mais megalomaniacos... Acho que ele entenderia a diferença. E eu acho que talvez eu imagine que você seria perdoada também.

Juliana Gragnani: Ai, espero que sim.

Paula Scarpin: Os fins justificam os meios. Você queria dar um presente bacana para sua avó e você usou o que você podia.

Juliana Gragnani: Talvez eu tenha que me confessar. Posso chamar ele de lado. Falar assim: "Olha, escuta, essa carta do papa foi conseguida desse jeito, tem que dizer ABC maneiras, Desculpa, eu posso rezar um pai nosso e ser perdoada? Espero que sim.

Paula Scarpin: Você rezaria um pai nosso pra ser perdoada?

Juliana Gragnani: Ah, eu rezaria.

Paula Scarpin: Ok, depois dessa resposta eu fiquei ainda mais perdida se a Juliana realmente criou um eu-lírico católico pra mandar essa carta, ou se ela é mais crente do que ela acha que é. Mas beleza, ela mandou o e-mail pro tal Monsenhor e, dois dias depois, chegou um e-mail de outro cara.

Juliana Gragnani: E já dois dias depois eu recebi um e-mail de um outro chamado Gonzalo Aemilius, sei lá. Gonzalo. E estava escrito assim, o título do e-mail era "del Papa Francisco". E aí no assunto tava assim – uma coisa em espanhol "anexada a carta do Papa Francisco". E aí anexada estava uma carta anexada– estava uma carta manuscrita do Papa Francisco. Eu não acreditei, eu fiquei em choque. Foi a primeira coisa que eu vi assim de manhã, quando estava acordando ainda, eu estava tomando um chá, olhando no celular. E aí eu fiquei assim, não sabia o que fazer, fiquei em choque. Eu tinha uma reunião de trabalho dois minutos depois. Eu fiquei assim: "meu...", mas fiquei me segurando na reunião, falando: "Não acredito, não acredito". O Papa escreveu. O Papa escreveu sobre a minha avó para a minha avó era a "Prezada Maria Elisa".

Paula Scarpin: Ele escreveu, alguém escaneou.

Juliana Gragnani: Exato. Assim, eu googlei depois: "cartas Papa Francisco", e é a letrinha dele, que é super difícil de entender, por sinal. Que daí depois eu já botei vários amigos para tentar me ajudar a decifrar. Todo mundo foi lá, mandei pra uma amiga que é designer, tem gente que é especialista em fontes, já falei: "Me ajuda a decifrar isso aí", ela mandou pra mãe dela que...

Paula Scarpin: Você conseguiu já?

Juliana Gragnani: Não, consegui, consegui. Foi tudo no mesmo dia, assim, um esforço, várias pessoas envolvidas, todo mundo foi lendo uma parte a gente montou a carta do papa.

Paula Scarpin: A Juliana me encaminhou na hora a imagem da carta escaneada... mas eu não consegui entender bulhufas do que tava escrito, e pedi pra ela ler aqui pra gente também.

Juliana Gragnani: Señora Maria Elisa Gragnani.

Apreciada señora, por medio de esas líneas quiero estar cerca a usted en la celebración de sus 100 años. ¡Felicitaciones! Rezo por usted y ofrezco la misa por usted. Gracias por esa vida tan plena. La acompaño desde aquí.

Y usted, por favor, no se olvide de rezar por mí. Que Jesús la bendiga, y la Virgen Santa la cuide. ¡Feliz cumpleaños!

Fraternalmente, Francisco.

Paula Scarpin: Quer dizer: missão impossível dada, missão impossível cumprida. Com louvor! E além de tudo o papa ia rezar uma missa pra vó Elisinha.

Paula Scarpin: A missa vai ser quando?

Juliana Gragnani: Então a missa... Eu não sei quando vai ser a missa, porque daí foi a única coisa que eu respondi. Agradei horrores e falei assim: "Quando que é essa missa?" Eu já comecei a olhar a passagem pra ir para Roma. Estava barato. Falei: "posso ir pra Roma? Estou em Londres, posso ir pra Roma, quero gravar, quero não sei o quê". Aí, ele nunca me respondeu. Eu acho que eu pedi demais, eu não sei. Nunca descobri quando foi essa missa. Não sei se era um negócio meio "Faustão", assim, que ele lê os nomes.

Faustão: Atenção agora, aqui na Dança dos Famosos, retrospectiva especialmente pra galera do Twitter, as Faustanetes – é mole? – a Selena Gomez, o Thiago Santos, a Conceição Orlando Duarte, a Cidinha Emboaba, a Andréa Diasia Salomão de Nova Iorque ligada na Globo Internacional.

Paula Scarpin: Ok, talvez acompanhar a missa fosse querer demais, mesmo. Esse e-mail com a carta do papa – chegou no dia 9 de março. O aniversário da vó Elisinha ia ser só no dia 8 de maio.

Beleza, é uma questão de saber segurar a surpresa.
A arte de guardar um segredo. Mas aí, no dia 30 de março.

Apresentadora em italiano: O papa Francisco foi internado com bronquite.

Juliana Gragnani: Ele foi internado e tal. Aí eu pirei, eu falei assim: "Nossa, o Papa mandou minha avó rezar por ele e ela não rezou ainda porque ela não recebeu a carta". Aí eu falei: "E se ela tem algum poder, porque ele rezou por ela, agora ela tem que rezar por ele, e ela ainda não rezou". Aí eu liguei pra ela, falou assim: "Vó, você viu que o papa tá doente" e tal? E aí, eu sei, lá: "dá uma rezada por ele". Aí ela falou: "Tá bom, filha, eu vou rezar". Aí ela rezou, aí ele saiu do hospital.

Vatican News: Palmas, "Auguri", "auguri"...

Juliana Gragnani: Então não sei se minha vó influenciou aí a alta que o papa recebeu.

Paula Scarpin: É, talvez a Juliana não seja tão atea quanto ela acha que é.

Paula Scarpin: Quanto que você acreditava que ela conseguiria ajudar na saúde dele?

Juliana Gragnani: Então, eu acho que foram essas duas coisas que eu pensei quando pedi pra ela rezar. Uma foi a culpa dela. Eu falei assim: "Nossa, imagina, a vovó Elisinha recebe isso, lê na carta, ou fica sabendo que na carta ele pediu pra ela rezar por ele, ela não fez isso e o homem morreu?" E eu preciso dar oportunidade pra vovó Elisinha, contribuir para a saúde do papa. E aí, por outro lado, eu acho que sim, Eu tenho fé na vovó Elisinha. Eu tenho fé na vovó Elisinha mais do que eu tenho fé em qualquer outra coisa. Assim, só de ver o tamanho da crença dela e da dedicação que ela tem pra Deus, pra religião católica, eu respeito isso muito, sabe? Então eu sei lá, acho que eu nunca refleti muito sobre isso, mas acho que desde sempre eu acredito nisso e peço pra ela rezar para as pessoas. Ela acende vela, tudo.

Paula Scarpin: Você é devota da vovó Elisinha.

Juliana Gragnani: Eu acho que eu sou devota de vovó Elisinha.

Paula Scarpin: Eu não estava tentando encurralar a Juliana, não, tá? É que, no fim, a minha própria relação com a igreja católica não é tão diferente assim da dela.

Juliana Gragnani: Então, eu estudei numa escola católica até os 12 anos e eu acho que – e lá a gente teve uma educação religiosa mesmo, de valores que eu acho super legais. Era bem de – familiar assim, de bastante respeito. E a gente estudou um pouco a Bíblia – de histórias que eu acho legais também, mas que hoje eu acho que encaro mais como uma ficção legal de ler, sabe? Fuerte. E aí eu fiz a primeira comunhão, não fiz crisma.

Paula Scarpin: Eu não estudei em escola católica, mas eu fiz crisma e muito por influência da minha avó, então meio que estamos na mesma. Mas, que nem a Juliana, eu tenho essa sensação muitas vezes de: "Igreja Católica, me ajuda a te ajudar", sabe?

Juliana Gragnani: Eu tenho críticas à Igreja Católica. E eu acho que esse papa ele – ele tenta trazer um – talvez um falso senso de que – uma falsa sensação de que a Igreja está se modernizando e tal. Assim, ao mesmo tempo, ele faz parte dessa instituição que dificilmente vai acompanhar as mudanças do mundo. Mas acho que esse papa tem essa vibe mais

simpática, mais humana, diferente dos outros, e só, assim, eu não sigo tanto. Eu assisti aquele filme do Fernando Meirelles que era sobre ele...

Paula Scarpin: Dois Papas.

Juliana Gragnani: É, dos dois Papas, e acho que isso foi o máximo do meu engajamento com esse Papa até essa grande troca de cartas.

Paula Scarpin: "Troca de cartas" é muito bom. Correspondente do papa.

Juliana Gragnani: Essa correspondência com o papa.

Paula Scarpin: Mas, enfim, independente do que a Juliana acredita de verdade, ela tava com a carta do papa pra vó Elisinha. Ela conseguiu segurar o segredo da própria aniversariante, mas compartilhou a vitória com o resto da família, né. A ideia era que a carta do papa fosse a atração principal da exposição que ela ia montar na casa da vó no dia da festa.

Juliana Gragnani: Eu quero começar assim: de 1920 a 2023. E aí vou colocar 22: Semana de Arte Moderna. 23: Vovó Elisinha nasce. Depois: Tia Delmira nasce. E aí vou tentar garimpar, porque é minha vó, ela tá cheia de papéis antigos, assim, ela é mini acumuladora. Meu pai diz que acha que ela tem uma capa de jornal da chegada do homem à lua. Então, o que eu vou fazer esses dias indo pra lá garimpar as peças na casa dela. Tem um corredor entrando na casa dela, e aí para as pessoas entrarem já lendo essas coisas. E aí no final, acho que seria assim: 2023 – Vovó Elisinha completa 100 anos e recebe uma carta do Papa. E aí colocar uma carta emoldurada do Papa – porque todo mundo já emoldurou esta carta. Parece que meu pai mandou emoldurar, a minha mãe mandou emoldurar. Tem tipo três ou quatro versões dessa carta emoldurada, então uma delas vai nessa parede.

Paula Scarpin: Essa organização toda da festa foi sendo feito meio às escondidas da vó Elisinha. E não só por causa da carta surpresa.

Juliana Gragnani: Ela começou recentemente a fazer psicólogo porque é muito maravilhoso, com essa idade, né porque ela se preocupa muito com os outros. Então a gente decidiu levar ela para o psicólogo, para ela conversar um pouco sobre essas preocupações que ela tem. Ela tá começando a ficar um pouco nervosa com a festa, porque é isso, ela se preocupa muito com todo mundo, então ela não pode ver que que a gente está tendo trabalho. Então minha mãe quando está indo lá medir as coisas, ver a área, ver pra toldo, não sei o que ela está indo sem – escondido, meio sem nem falar pra minha vó que ela tá lá, pra minha vó não achar que ela está dando trabalho, senão ela vai ficar nervosa. Aí ela fica com a pressão meio alta, fica meio com azia assim. Então a gente está super assim, não com baixa sim, não falando tanto pra ela sobre a festa, meio. Bem tranquilinho. Aí a gente ainda

não sabe como vai ser o momento da carta do papa. Precisamos planejar bem. Pra ela não se assustar.

Paula Scarpin: Não, susto, não, pelo amor de Deus. Ninguém quer dar um susto numa senhorinha de 100 anos. Mas, uns dias mais tarde, quando eu conversei de novo com a Juliana, a família já tinha um plano.

Juliana Gragnani: E aí a gente vai fazer uma missa e vai ler a carta, o padre vai ler a carta. E a gente vai ver a reação da vovó Elisinha, que é a grande expectativa geral da nação. Eu acho que a vovó Elisinha, vai. Eu acho que ela vai ficar tranquila. Nem assim. Eu não sei se ela vai entender direito. Ela vai ficar assim: "Ah, obrigada". Sei lá, eu não sei. Ou ela vai achar o máximo, ou ela vai ficar assim. "Ah, que legal!" Sabe bem tranquilo.

Paula Scarpin: Com 100 anos nada surpreende mais.

Juliana Gragnani: É, exato. Eu não sei, eu não sei.

Paula Scarpin: Eu moro no Rio, né, e eu não ia conseguir ir pra São Paulo pro grande acontecimento. Mas acompanhar a missa até que foi fácil, porque a Paróquia São João de Brito, a igreja que a vó Elisinha frequenta, tem transmitido as missas sempre pelo YouTube, desde a pandemia.

Missa – Padre Gilson: Nós queremos rezar, cantar os parabéns para Dona Maria Elisa...

Paula Scarpin: Mas ela e a família toda estavam lá, pessoalmente.

Missa – Padre Gilson: Ela pode vir até aqui? Trazer ela?

Paula Scarpin: E, ainda antes da missa oficial, rolou um parabéns...

Missa – Todos: "Parabéns pra você..." Uma grande salva de palmas pra dona Maria Elisa.

Vovó Elisinha: Amém, Obrigada.

Paula Scarpin: Mas o padre – que pelo jeito é bom de segurar a audiência – deixou a leitura da carta pro final.

Missa – Padre Gilson: O Papa Francisco mandou uma mensagem para ela que eu vou ler aqui no início. Que chique, hein? Papa! "Estimada senhora, por meio destas linhas quero estar próximo a você"

Juliana Gragnani: Teve a missa e aí teve a leitura da carta. Mas ela usa aparelho auditivo e na missa ela tem que tirar o aparelho auditivo, porque é muito barulho ao mesmo tempo.

Paula Scarpin: Muito alto, né?

Juliana Gragnani: Muito alto.

Paula Scarpin: O microfone...

Juliana Gragnani: Então ela não entendeu muito bem na missa e as amigas entenderam e tal.

Paula Scarpin: Você estava lá na missa?

Juliana Gragnani: Eu estava. Eu estava na missa, eu estava vendo a reação dela, mas eu vi que ela não entendeu, ela só estava me olhando e tal. E aí a gente foi para casa, né, e aí a gente sentou com ela e falou: "Ah, vó, não sei se a senhora tinha entendido e tal, mas o Papa mandou uma carta para a senhora pelos seus 100 anos". E ela ficou muito feliz. Ela falou – e ela ficou feliz de um jeito muito ela, porque não foi um jeito escandaloso, não foi um jeito, foi um jeito muito pé no chão também. Eu fiquei um pouco surpresa assim, com a capacidade que ela tem de entender o funcionamento de tudo, porque ela ainda comentou assim pra mim, falou: "Filha, você é muito jornalista, isso é coisa de jornalista". E eu: "nossa", assim, sabe? Ela entendeu tudo.

Paula Scarpin: Ela entendeu tudo. Quando a Juliana se incumbiu da missão impossível de descolar uma carta do papa pra avó dela, ela fez questão de tirar o chapeuzinho de jornalista. Porque a gente, como jornalista, tem alguns caminhos mais facilitados pra chegar em gente famosa, poderosa, enfim, assessoria de imprensa, e-mail oficial. Ela não queria dar uma "carteirada", como a gente diz, quando já chega se colocando como a "instituição imprensa".

Juliana Gragnani: O pedido de imprensa é uma coisa super seca, impessoal e tal.

Paula Scarpin: Ela queria se colocar numa posição de pessoa comum, sem atalho de imprensa, e falar a verdade.

Juliana Gragnani: Eu estava ali contando uma história pessoal e verdadeira.

Paula Scarpin: Quer dizer...

Juliana Gragnani: Apesar de algumas partes – apesar da minha parte da descrição a meu respeito, do meu eu-lírico lá tá totalmente – um pouco falseado, um pouco católico demais pra verdade... Mas a parte sobre a minha avó é verdade.

Paula Scarpin: A parte da vó Elisinha é verdade. Ela é realmente muito religiosa, muito católica. E a Juliana, como boa jornalista, tá acostumada a ter que convencer as fontes a falarem.

Juliana Gragnani: E acho que isso toca mais o coração dos dos velhinhos do Vaticano.

Paula Scarpin: Ela sabe que essa é uma estratégia muito melhor do que o caminho da assessoria de imprensa. E, claro, sem contar o "empurrãozinho" que foi o contato do monsenhor amigo do papa – e amigo do pai da amiga argentina dela. E, no fim, tem muito de jornalismo aí nessa busca, também. Porque assessoria de imprensa é só um dos caminhos – o caminho mais óbvio, o que a gente não pode deixar de fazer, mas quando a gente precisa mesmo falar com alguém, não dá pra parar na assessoria, a gente sai meio que atirando pra tudo quanto é lado. Transforma qualquer rodinha de conversa em brainstorm. Aciona todos os contatos. E conta muito com a sorte também.

Juliana Gragnani: Ela falou: "Filha, você é muito jornalista". Ela entendeu tudo.

Paula Scarpin: Quer dizer: mesmo sem chapeuzinho de imprensa, a Juliana foi muito jornalista nessa. Foi o jeito dela de fazer dar certo.

Mulher: vou tirar essa cadeira daqui, ó, pra senhora passar.

Paula Scarpin: Como eu não ia conseguir ir pra São Paulo pra festa da vó Elisinha, mas pedi pra Bárbara Rubira, produtora aqui da Rádio Novelo, dar um pulo lá pra gente poder ouvir aqui um pouco da festa.

Bárbara Rubira: "Ambiência festa".

Paula Scarpin: E o discurso da Juliana também.

Juliana Gragnani: Oi pessoal! Preciso de um pouco de silêncio, só pra agradecer todo mundo pela presença em nome da minha avó. Queria dizer – eu fui falando, vó, com todo mundo, eu fui falando com todo mundo na festa sobre a senhora. Como todo mundo te descreve como uma pessoa extremamente amorosa, boa, generosa, a senhora é uma inspiração pra

todos nós. E completar 100 anos dessa forma... acho que todo mundo gostaria de viver cada ano com os ensinamentos que você deu pra gente.

Paula Scarpin: Claro que não podia faltar a carta do papa.

Juliana Gragnani: O Papa escreveu uma carta manuscrita pra minha vó e eu vou ler aqui. Ele falou – ele escreveu assim: "Senhora Maria Elisa Gragnani..."

Ela não esperava tudo isso que foi a festa dela. Ela ficou muito emocionada mesmo. Ela falava "Nossa", "Jesus", "meu Deus", botava a mãozinha assim na boca. Foi muito fofo! Ela ficou muito emocionada e as amigas também. As amigas ficaram muito impressionadas com tudo, e falaram que ela é uma pessoa muito bondosa, que ela merecia receber a bênção do Papa. Nossa, recebeu uma carta do Papa. Que bom!

Paula Scarpin: Não rolou tipo uma inveja das amigas, assim?

Juliana Gragnani: Não, nem um pouco. Eu acho que elas encararam isso porque assim, quando eu. Fui atrás disso. Tudo começou como uma brincadeira, ou quase um desafio, assim. Claro que pensando que esse era o melhor presente que eu poderia dar pra minha vó, pra dar pra uma pessoa que é bastante religiosa e que completou um século. Então começou um pouco assim e aí virou história de bar. Todo mundo me perguntou e é uma grande história para se contar. Já meus amigos aqui estão falando que eu sou Fernanda Montenegro em "Central do Brasil", estão pedindo para eu conseguir cartas de outros famosos, da Rihanna e tal. Então a gente começou a levar desse jeito, meio que numa brincadeira.

Paula Scarpin: Era meio uma brincadeira, um desafio, uma missão impossível, um teste de jornalismo investigativo. Mas, no fim, a Juliana acabou olhando pra essa história de outro jeito.

Juliana Gragnani: O jeito que minha avó e as amigas receberam foi um jeito muito de te colocar num lugar de humildade assim, sabe? Foi um jeito muito, com muito respeito e muita admiração e de muita humildade de todo mundo, sabe? Então, foi bonito isso de ver também assim. Foi um negócio bastante sério e bastante respeitado. E é – que é isso. Acho que trouxe a felicidade também. Foi bem legal.

Paula Scarpin: A Juliana acabou abrindo uma janela que ela não tava esperando.

Paula Scarpin: Você chegou a puxar o padre para falar, ele para falar do seu pecado, do eu lírico católico.

Juliana Gragnani: Não, eu não falei com o padre. O padre acabou não indo na festa, ele só estava lá na igreja.

Paula Scarpin: E você também não pareceu tão descrente assim nas nossas conversas.

Juliana Gragnani: Exato. Então eu acho que essa crise atual.

Paula Scarpin: Será que estou católica?

Juliana Gragnani: Exatamente. Eu acho que o negócio do papa ter respondido, aí a nossa conversa assim, e a conversa posterior com minha avó, eu estou assim, sei lá, não sei. Mas eu já tive minhas grandes crises assim, sobre não ter fé e querer ter fé, Então é assim essa crise ela vai e volta e é um pouco a carta do papa e sei lá, é conversar e ver a vida da minha vó e como ela leva a vida e me faz um pouco refletir sobre tudo isso de novo.

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo.

Tem muitos jeitos de uma missão ser impossível – ou aparentemente impossível. Tem problema que é de escala, de distância. Tipo: como cruzar o abismo metafórico entre você e o Vaticano e fazer com que um pedido da sua vó, lá na zona sul de São Paulo, chegue no líder do catolicismo. Quando você consegue cumprir essa missão, parece que o mundo fica um pouco menor... Mas ele não fica menos interessante por causa disso.

Só que às vezes as missões mais difíceis têm a ver com uma coisa muito simples – mas que a gente tenta fazer todo dia: entender o que outra pessoa quer. Entrar dentro da cabeça de outra pessoa, conseguir desbravar esse mundo, sair dali e dar um jeito de satisfazer o desejo dessa pessoa. A gente tá cansada de saber que essa missão às vezes é impossível mesmo.

Quem conta essa segunda história é o Felipe Novaes.

ATO 2

Felipe Novaes: Em 2022, começou a valer uma regra da Anatel que diz que todas as chamadas de telemarketing, venda de serviços, precisam adotar o prefixo 0303.

E, eu não sei você, mas isso facilitou demais a minha vida. Claro, tem umas empresas que dão um migué, e eu continuo recebendo chamada de operadora de celular, de banco, até de assistência funerária... mas várias é só bater o olho, já dá pra ver que é spam, e pimba, nem atendo. Mas o prefixo 0303 é uma coisa recente, do ano passado. Em 2013, quando tocou o telefone do André Dias, não era assim.

André Dias: “Alô, Seu André Dias?”. “Sim, bom dia”. “Aqui é do Banco Opportunity, o senhor aguarda um momento?”. Falei: “Banco Opportunity? Tô devendo alguma coisa?”

Felipe Novaes: O André Dias nem achou que era telemarketing. Ele achou que ele podia tá devendo pra alguém. Mas ele não tinha nem conta no banco Opportunity. Na verdade, nem tem como “ter conta” no Opportunity – o Opportunity é um banco de investimentos. Mas o André Dias não sabia disso.

André Dias: E aí me botaram na musiquinha, a musiquinha o tempo inteiro...

Felipe Novaes: Depois de muita musiquinha, uma voz apareceu do outro lado da linha.

André Dias: “Gostaria de marcar com você amanhã uma reunião aqui às 10h, na sede do banco. É possível?”

Felipe Novaes: O André perguntou do que se tratava, mas o funcionário do banco falou que era confidencial. Só iam revelar na reunião. Talvez, só de ouvir falar em “banco Opportunity” te venha na cabeça a memória do banqueiro Daniel Dantas, do delegado Protógenes Queiroz, da Polícia Federal, e da Operação Satiagraha – que foi uma espécie de test-drive da Lava Jato ainda em 2004. Tão test-drive que ela até acabou sendo anulada por ilegalidades em 2011. A gente tava em 2013, mas nada dessa história nem passou pela cabeça do André Dias quando ele recebeu o telefonema do banco.

André Dias: E aí 10h e no dia seguinte fui lá no banco, aquele ambiente burocrático e tal, elevadores, secretária. Então a recepcionista me atendeu, me colocou naquela sala de reuniões com aquela mesa meio comprida, cheia de cadeiras. Aquele suspense todo até os caras do banco explicarem por quê que tinham chamado ele ali. Tinha a ver com João Gilberto.

Felipe Novaes: João Gilberto – o João Gilberto. Eu sou suspeitíssimo pra falar, mas se você não conhece João Gilberto, pára tudo o que você tá fazendo e vai procurar saber. Não, calma, continua aqui comigo, depois desse episódio cê procura mais. Mas enfim, João Gilberto.

Na virada dos anos 50 pros 60, ele gravou os três primeiros álbuns dele, que foram considerados as pedras fundamentais da bossa nova. “Chega de Saudade”, “O Amor, O Sorriso e a Flor”, e “João Gilberto”. Esses três discos foram gravados pela Odeon. Acontece que, logo depois de gravar esses álbuns, o João não quis renovar o contrato com a Odeon. Ele saiu de lá, mas a gravadora ainda era dona das masters.

As “masters”, naquela época, eram as fitas de celulose, com uma camada magnética, onde os álbuns eram gravados. Hoje em dia não é assim, claro, é tudo digital. Mas, além da tecnologia, outra coisa que era diferente ali na década de 60 era a regulamentação dos direitos autorais. As regras eram bem mais frouxas do que são hoje. Então a Odeon continuou comercializando as obras do João Gilberto sem autorização nenhuma dele. E claro que ele se incomodava com isso, mas foi levando.

Só que, em 1988, a gravadora fez uma coisa que foi a gota d’água pro João. E que virou o estopim de uma disputa judicial milionária, e que duraria décadas. Lançaram uma coletânea com esses três primeiros álbuns do João Gilberto, tudo num único disco chamado “O mito”.(Eu confesso que eu simpatizo com esse nome só pela reapropriação da palavra "mito", que tava tão combatida nos últimos anos. Prefiro viver num país em que o mito seja mesmo o João Gilberto). Só que a parte boa acaba aí, no nome. Porque a coletânea – como tudo o que a Odeon vinha fazendo desde que o João Gilberto rompeu o contrato com a gravadora – passava totalmente ao largo das preferências dele.

E, só de bater o olho na lista de músicas do disco, o João já ficou irritado. Porque a coletânea embaralhava totalmente a ordem das faixas. E, se você é uma pessoa das playlists variadas, da mixtape, ou sei lá, da rádio FM, talvez isso não pareça tão grave assim. Mas, pra muitos artistas, o álbum é pensado como um arco, com começo, meio e fim, com conexões de uma música pra outra – quer dizer: tem toda uma lógica. A ordem tem uma razão de ser.

Mas não parava por aí. Algumas músicas ficaram de fora. Outras foram cortadas, encurtadas. E outras, ainda, foram fundidas, tipo nuns medleys. Além disso, até os instrumentos e a própria voz do João foram alterados. Quer dizer: dessa vez, a gravadora tinha ido longe demais. E o João partiu pra guerra. Ele entrou com uma ação judicial pedindo danos morais pela adulteração da obra dele. E mais: ele também exigia um pagamento retroativo, porque a gravadora não pagava os royalties dele desde 1964. E a gravadora também ficou proibida de relançar qualquer produto a partir daquelas masters. Os peritos envolvidos no caso chegam a avaliar essa indenização em 200 milhões de reais.

Acabou virando um dos casos mais caros e complexos da história da indústria fonográfica brasileira. E, de alguma forma, esse imbróglio acabou se confundindo um pouco com a complexidade da própria personalidade do João Gilberto.

Apesar do talento incomparável dele, o João era famoso por se atrasar, cancelar shows em cima da hora, ou até abandonar apresentações no meio. Se ele achasse que a qualidade do som estava ruim, ou que a plateia estava fazendo muito barulho, ele simplesmente pegava o violão dele e ia embora. Até o ponto em que João Gilberto simplesmente parou de se apresentar. Ele preferia passar as noites em casa, sozinho, tentando encontrar a harmonia perfeita entre sua voz e o seu violão. Nessa época em que ele estava recluso – tão recluso a ponto de não abrir a porta de casa nem pra família – algumas coisas básicas da vida dele também foram desandando. Incluindo as finanças. Ele tinha acumulado uma série de processos de cobrança, ordens de despejos, dívidas. É difícil acreditar, mas um dos artistas mais gravados no mundo estava vivendo no aperto. Dependendo de favores de amigos.

E aí, em 2011, pintou uma chance de mudar essa situação. O João ia fazer 80 anos, e armaram uma turnê ambiciosa pra comemorar o marco. Seria o retorno do João aos palcos depois de muitos anos. Não era pouca coisa. A produção reservou as principais casas de shows do Brasil. Deram um adiantamento polpudo pro João. Investimento, né, porque era o tipo de show em que os ingressos se esgotavam em minutos. E se esgotaram. Ingressos caríssimos, diga-se de passagem.

Acontece que – depois de muitas confusões e adiamentos – o João Gilberto resolveu cancelar tudo sem grandes explicações. E essa história toda acabou piorando ainda mais a crise financeira dele. Porque aí os credores do João foram pra Justiça. E a Justiça decretou "insolvência financeira". Ou seja, decretou que o João não tinha como pagar as dívidas dele. Foi aí que o banco Opportunity entrou na história. (Ok, nessa altura talvez você nem tivesse mais se lembrando do Opportunity, muito menos do André Dias, mas segura na minha mão que tudo isso é importante pra história.)

Enfim, o Opportunity. O banco decidiu assumir os custos e as estratégias dos processos judiciais do João. Incluindo aquela briga contra a Odeon – que naquela altura já tinha sido incorporada pela EMI, que, por sua vez, tinha sido incorporada pela Universal. Além de tudo isso – que nem os produtores da turnê de 80 anos – o Opportunity pagou um belo de um adiantamento pro João.

E lógico que o Opportunity não fez isso por broderagem, nem por amor à bossa nova. Era porque eles sabiam o tamanho do João Gilberto. Eles olhavam pra ele e viam uma galinha dos ovos de ouro. Estavam de olho no lucro que esses processos iam trazer.

E fizeram um acordo bem oportunista (se é que você me entende): eles iam receber metade das futuras indenizações, que eles já contavam que ele ia receber... e não parava por aí: Eles iam ter direito ainda a 60% dos rendimentos dos três primeiros

álbuns do João e daquela coletânea maldita, “O mito” – assim que a justiça liberasse o caminho pra relançar.

Bom, então fazia uns 50 anos que a Odeon tava com aquelas masters, e que o João não tinha acesso a elas. Até que os advogados do banco conseguiram uma baita vitória. A justiça garantiu ao João o direito de acessar o material. E é aí que o André Dias entra na história.

O André é um engenheiro de som especializado em masterização. E eu até podia tentar explicar o que isso significa, mas ele fez isso de uma maneira muito mais clara.

André Dias: Uma fotografia não vai pra revistas, não vai pra TV, não vai pro jornal sem um tratamento de cor, enfim. Na música é a mesma coisa, né. A masterização é a última chance, é a última oportunidade artística e técnica de você tomar decisões ali e fazer, realizar ajustes tanto criativos e artísticos e também corretivos, estritamente técnicos, para que aquela música seja apresentada ao mundo de uma forma especial.

Felipe Novaes: O banco Opportunity queria que o André Dias digitalizasse, recuperasse e remasterizasse os três primeiros álbuns do João Gilberto, pra relançar esses discos. Claro que eles fizeram uma boa pesquisa antes de escolher o André Dias, e só decidiram por ele porque o André Dias tem um portfólio invejável – e variado – de artistas com quem ele já tinha trabalhado, tipo, de Chico Buarque a Diogo Nogueira, de Sandy a Yamandú Costa, enfim. E ele tinha acabado de remasterizar a obra inteira do Djavan. Mas trabalhar com João Gilberto era uma chance muito preciosa. Não sei se eu já falei aqui que ele era um gênio. Mas, além disso, esses três primeiros discos eram lendários pra todo mundo que trabalha com música.

André Dias: Que seria uma oportunidade ímpar de se fazer justiça, uma espécie de justiça ao que aconteceu com esses discos ao longo de todos esses anos, né?

Felipe Novaes: Enfim, uma baita oportunidade. Só que tinha um detalhe:

André Dias: Desde que eu soube que eu iria ter a chance de trabalhar com essas fitas, já fui avisado que ela não poderia passar mais de um dia comigo.

Felipe Novaes: Um dia. 24 horas pra digitalizar três dos álbuns mais importantes do mundo, e que estavam fechados na gravadora durante décadas de imbróglio. E realmente tinha um risco muito grande de deteriorização, porque é uma material muito sensível. Fitas de 1959, mal condicionadas, mal manuseadas, mal manipuladas, durante esse tempo todo, né. Mas era pegar ou largar.

André Dias: O tiro teria que ser certo, né. Porque tinha que ir pro cofre, voltar pro cofre e tudo mais.

Felipe Novaes: E o André pegou.

André Dias: até que chegou o dia. Que essas fitas chegaram mesmo até mim... E ele não podia desperdiçar nem um minuto. A gente teve essas poucas horas que eu fiquei ali debruçado naquelas fitas. Fiz algumas capturas. O máximo que eu pude pra quantidade de vezes que aquelas fitas poderiam ser tocadas, né, não foram muitas vezes – eu procurei ser o mais preciso possível.

Felipe Novaes: Quando você mexe com um material antigo e delicado assim, o risco é ele se deteriorar com o manuseio, ou na própria digitalização. Um errinho podia fazer aquelas gravações valiosas se perderem de vez.

André Dias: Daqui a pouco: Pá! Soltou um splice tape. Splice tape é uma espécie de durex que é usado para emendar um pedaço de fita com outro, né. E esses splice tapes dessas fita estavam, tinham muitos que eram de papel. E alguns outros eram tipo durex mesmo, mas estavam muito ressequidos. Bem antigos e tal. Em determinado momento a fita, pá, arrebentou um durex daquele, um splice, aí o escrevente arregalou o olho.

Felipe Novaes: Tinha um escrevente de olho porque, por determinação judicial, o processo precisava ser acompanhado por um representante da justiça. E por um representante do João Gilberto, que no caso era o Daniel Jobim, neto do Tom. Quando aquele durex arrebentou, o André Dias engoliu seco. Mas deu pra juntar os pedaços sem danificar a fita. E aí ele voltou pra missão impossível.

André Dias: O objetivo é você capturar a essência daquela gravação, enfim, da forma mais precisa e bonita possível, né. E nesse caso específico do João, até pelo que aconteceu com esses discos das outras vezes, do que fizeram lá com os discos no episódio lá de O Mito e tal... eu falei: "cara, tenho que capturar e conseguir reproduzir o que aconteceu naquele dia". Naquele estúdio, né. Quando tocou, eu botei o Chega de Saudade, quando começou... Quando tocou a música inteira foi muito emocionante. Eu chorei. Daniel chorou. E uma alegria, a felicidade de ver aquilo tocando, cara, tá tocando: vai rolar, vai funcionar.

Felipe Novaes: As fitas foram digitalizadas, as masters voltaram pra gravadora, e o André começou a trabalhar na restauração daquilo que ele tinha captado.

André Dias: Quando remasterizo alguma coisa, é você tentar preservar ao máximo o original, né, o conteúdo original e a essência daquele conteúdo.

Felipe Novaes: Bom, o André Dias sabia que a única pessoa capaz de atestar a "essência" daquele conteúdo era o próprio João Gilberto. E que nem nos sonhos mais ambiciosos ele podia querer que o João Gilberto ficasse ali do lado acompanhando o trabalho dele. Não foi exatamente assim, mas foi quase. Pra poder ter mais controle sobre o processo todo, o Opportunity alugou um apartamento pro João Gilberto ficar morando enquanto o projeto estava rolando. E chamaram o André Dias pra montar um estúdio lá mesmo.

André Dias: Era uma cobertura que saía do elevador e já estava dentro da parada, da sala. Era grande... Foi interessante porque o apartamento que eu cheguei lá, o primeiro dia aquela coisa branca e tal... Aí depois eu botei os equipamentos lá, cadeirinha, já ficou um ambiente mais confortável. Sozinho rolando.

Felipe Novaes: Falando assim, até parece que o André e o João Gilberto tinham formado uma república ali naquela cobertura de luxo, né? Mas não era bem assim... Na verdade, o André Dias trabalhava mesmo no estúdio dele de sempre.

André Dias: Eu ficava imaginando como ele, como aquilo soava e ecoava e era representado na cabeça dele. Qual era o registro que ele tinha daquilo no ouvido, né, as texturas da ambiência, o som do violão dele, da proximidade do violão dele com ele.

Felipe Novaes: O André Dias só ia pro apartamento uma vez por semana, pra checar os equipamentos e entregar os arquivos pro João ouvir.

André Dias: E teve um dia que eu fui lá, e quando cheguei lá tinha... o violão dele estava no quarto. Encostado do lado de uma cadeira, assim. Ou seja, acho que naquele momento ali eu senti que ele, o violãozinho dele debruçado assim, em pézinho no cantinho da cadeira. Até me emociono quando falo, porque eu senti que, falei: cara consegui fazer com que esse ambiente começasse a se tornar confortável para ele. Fiz vários testes, levei coisa pra lá, levei coisa para cá. E ao mesmo tempo não podia ser nada muito mirabolante porque ele ia estar lá, a princípio sozinho, ouvindo. Tinha que ser: pegou, deu play e tocou.

Felipe Novaes: E, falando assim, até parece que eles iam juntos pro estúdiozinho, o André Dias ia tocar, e o João ia ouvir com atenção, palpitar... Mas não, não era nada disso. Na verdade, eles nem se cruzavam. O André Dias sabia que o João estava lá – em outro quarto. Ele só ouvia os passos do outro lado da parede.

André Dias: Mas aí não vinha nada do lado dele, de feedback. A gente não ouvia nada. Passou um tempinho sem ninguém ouvir nada. E o pessoal do banco, "O que que tá acontecendo e tal?". E eu também tentando me blindar e me policiar para não ficar ansioso, né.

Felipe Novaes: Pra não dizer que o André nunca ouviu nada da parte do João... numa madrugada qualquer, às quatro da manhã, o telefone tocou. E era ele. João Gilberto.

André Dias: "Oi, tudo bem, muito obrigado. O que você está fazendo?"... "E você?". Aí ficou um tempo assim, sem saber o que falar. Aí ele: "Você gosta de comer?" Eu falei: "Gosto, muito! Gosto muito". "Tudo bem, Tudo bem".

Felipe Novaes: Pronto, foi basicamente essa a conversa. Nessa altura, já fazia alguns meses que o André estava completamente focado nas masters, esperando qualquer retorno. Até que a equipe do Opportunity entrou em contato com ele pra falar sobre um pedido do João. Ele queria trazer um ouvido de fora. Um ouvido de confiança.

Moogie Canazio: O que o João queria, na verdade, ele me incluiu no processo, né, e a Aperana, eu fui contratado por intermédio do banco, pelo João, para estar presente com ele, pra gente poder escutar juntos os masters.

Felipe Novaes: Esse é o ouvido de confiança do João, o Moogie Canazio. Ele é produtor musical, e já trabalhou com o Tom Jobim, com o Caetano Veloso, com o Ivan Lins, com a Maria Bethânia, com o Ray Charles, com a Sarah Vaughn... Só pra citar alguns. E, claro, teve um álbum do João Gilberto ali no meio.

Moogie Canazio: E a minha função, a pedido do João, que ele queria que eu escutasse e que atestasse a integridade técnica dos masters, o que eu fosse escutar. É uma tarefa relativamente difícil, porque nós estamos falando de masters de 1959. Então, a primeira coisa que você tem que fazer: você tem que escutar uma faixa de 50 anos, considerando-se que ele já tem um abuso pela própria existência.

Felipe Novaes: Tarefa difícil. Mas era João Gilberto quem tava pedindo. Então o Moogie não pensou duas vezes antes de se bandear de Los Angeles – onde ele tá morando há décadas – diretamente pra cobertura do Leblon. Pra ficar hospedado lá, inclusive, a convite do João.

Bom, mas foi só o Moogie cruzar a porta do apartamento pra ele sacar que tinha um problema. Um problema relacionado com aquela pergunta que o João fez pro André Dias no meio da noite.

Moogie Canazio: E o João não estava querendo comer. Ele não estava querendo comer, ele estava se alimentando muito mal. Eu falei: "Olha, vamos fazer o seguinte: você não come, eu também não como. Acabou." "Não, Mooginho, não"... Falei: "Não tem, não vou negociar com você. É isso, ou isso. Se você comer, eu como. Se você não comer, eu não como. Vamos os dois morrer de fome aqui dentro, não tem problema nenhum."

Felipe Novaes: Pelo jeito, o Moogie falava João-gilbertês, porque a greve de fome foi suspensa.

Moogie Canazio: Bom, a gente acordava, tomava café da manhã, ia para a varanda, ficava sentado tomando um pouquinho de sol. Aí descia e conversávamos. Falamos de coisas normais, como dois amigos conversando.

Felipe Novaes: Os dias iam passando, e foi ficando claro que o João não estava exatamente animado com o dever de casa deles. Uma tarefa que vamos combinar que para ele não era nada agradável, né. Aquilo ali era uma casa de abelha, que ele tava mexendo. E ele tinha uma semi-convicção de que o resultado não ia ser bom.

O Moogie sabia que, por melhor que fosse o trabalho de restauração, ia ser difícil alcançar o nível de perfeição que o João queria. Um resultado que revivesse todos os detalhes da gravação original. No fundo, parecia que o João sabia que isso não ia rolar. Então, depois de muita insistência e diplomacia do Moogie, o João Gilberto foi ouvir o trabalho do André Dias. Foi meio que arrastando os pés. Pra irritação de muita gente ao redor dele.

Moogie Canazio: E infelizmente eu percebia que as pessoas tratavam João Gilberto como se ele fosse um louco, e de louco ele não tinha nada. Muito pelo contrário. Agora, a gente não precisa nem questionar como João Gilberto era um gênio, né? E gênio pode fazer o que quiser, vamos combinar? Até porque a estrutura de raciocínio é muito, muito diferente da nossa. Nós somos mortais que acabamos ali na esquina. O João Gilberto nunca na vida vai acabar. Nunca.

Felipe Novaes: Ok, você já sabe que eu tô 100% com o Moogie nessa. Mas vamos voltar pro André Dias. Que tava naquela agonia de não ter nenhum retorno do João sobre as masters.

Quando o André Dias soube da chegada do Moogie, ele ficou muito aliviado.

André Dias: O João não me conhecia, o João nunca tinha ouvido falar de mim. E talvez ele teria na cabeça e na memória só o que tinha acontecido com ele no passado, que foram essas coisas que geraram esses traumas

todos, né? Então, como eu falei, quando o Moogie chegou, eu vi como uma coisa ultra positiva e importante, porque seria um instrumento ali e um elo importantíssimo para poder mostrar o que estava sendo feito.

Felipe Novaes: O André arrumou, feliz, o estúdiozinho pra audição da versão remasterizada do primeiro álbum. O João Gilberto e o Moogie Canazio sentaram, apertaram o play.

Som: “Chega de Saudade”

Felipe Novaes: Mas o João era aquela caixinha. Não tinha o que falar. Não expressava nada, não fazia muitas expressões e tal, estava sempre, sempre um mistério. Gostou, não gostou...E o próprio Moogie já falava: “É, vai ser difícil, vai ser difícil porque o João é o João”. Não pode pressionar ele, não pode, não pode. Com jeitinho, o Moogie ia tentando puxar um fio de resposta.

Moogie Canazio: "João, eu estou maravilhado com o que estou escutando. Essa é a minha opinião. Eu não estou escutando nada que desabone nos masters". "Ah, Mooginho, mas eu não sei..." Eu falei: "Olha, a tua opinião é a tua opinião, é o que vale, não é a minha. Eu tô te dizendo a minha opinião, se você quiser, minha opinião é essa."

Felipe Novaes: O João não ia muito além de "eu não sei". Era uma "caixinha", como o André Dias falou. Uma caixinha silenciosa. E esse silêncio tava custando caro. Porque, afinal, o Opportunity tinha alguns milhões de reais na jogada. O Moogie voltou pra Los Angeles, e os caras do banco quiseram saber: "e aí?" E aí João fez outro pedido pro banco. Ele queria uma segunda opinião – que também tava longe. Era a do Shigeki Miyata – outro grande produtor musical da confiança dele, japonês, e que tinha produzido um show famoso do João em Tóquio, que depois até acabou virando um álbum ao vivo.

Ok, se é isso que precisa pra liberar, pronto. Chamaram o Miyata lá de Tóquio, ele foi até a cobertura... mentira, na verdade o Miyata conseguiu ouvir as gravações remasterizadas online. E foi categórico: não tinha ressalva nenhuma. Ele falou que estava impressionado com o trabalho do André Dias, e que ninguém nunca tinha ouvido aqueles álbuns com tanta nitidez sonora. Bom, depois dessa, o João parecia finalmente convencido a botar um ponto final no assunto. O banco começou a preparar a papelada.

No dia combinado, um funcionário do cartório foi até a cobertura no Leblon pro João assinar os documentos. E como o João nunca abria a porta pra ninguém, tudo o que o banco mandava pro apartamento era sempre passado por baixo da porta. Acontece que, justo naquele dia, o João abriu a porta. Ele recebeu o rapaz do

cartório e ficou fascinado por ele. Pediu pro cara sentar, pegou o violão e tocou por horas. Esse cara teve um privilégio que pouquíssimas pessoas no mundo tiveram. Ganhou um show particular do João Gilberto. Voz e violão, cara a cara.

Eu ouvi essa história de gente que acompanhou o processo de dentro do Opportunity, tá? E lógico que eu tentei achar esse cara, baita personagem, mas não consegui. Mas o que importa pra essa história que eu tô contando aqui... é que esse cara saiu de lá com os contratos em branco. Porque o João não autorizou a remasterização. E, bem no estilo indecifrável dele, o João não deu justificativa nenhuma. Só não assinou os documentos.

Moogie Canazio: Mas é que as pessoas não têm inteligência suficiente, no modo geral, para entender que existe uma entrelinha artística para um artista como um João Gilberto, ou como um Paul McCartney que é intransponível. Então, quando você altera a obra original dele, ele escuta e fala: "Mas não foi isso que eu fiz". Não interessa se é pior ou melhor. "A minha obra está alterada." Olha, o que acontece é o seguinte: é que todos nós temos nosso preço. O João é inegociável. É isso. Pra ele: "Não, não. Isso aí eu não quero. Não concordo. Ponto final". "Ah, mas toma aqui mais 100 mil dólares". "Não, obrigado. Não é isso, meu problema não é esse. Agora, dessa forma eu não quero".

Felipe Novaes: Daquele jeito, o João não queria. E o Opportunity nessa? Depois de tantas idas e vindas, o banco resolveu cortar o pagamento da cobertura. O João saiu de lá – e, daí em diante, o imbróglio só ficou pior. E, lá no meio dessa confusão, estavam três dos álbuns mais importantes do mundo. Presos no limbo.

Eu queria ter um bom final pra essa história. Mas a saga da remasterização daqueles álbuns do João nunca se resolveu. Ela continua tramitando nos tribunais, sem grandes promessas de uma solução. E há mais de trinta anos, algumas gerações de brasileiros têm pouco ou nenhum acesso a essas obras. Se você for procurar em qualquer plataforma de música, você não acha. De vez em quando, eles aparecem, mas acabam sendo derrubados. Só acha LP em sebo, ou então algum piratão selvagem. Fora do Brasil, em países onde a lei é diferente e o relançamento desses álbuns é permitido, até dá pra achar em lojas.

Mas vale lembrar: nenhum desses relançamentos é a partir das masters originais. Todos vêm de prensagens antigas. Mas vale lembrar: nenhum relançamento que tá por aí hoje é partir das masters originais. Todos vêm de prensagens antigas. Quer dizer: pro ouvido do João Gilberto, praticamente toda gravação desses álbuns que estão circulando hoje não passa de uma sombra pálida do que deveria ser.

Como se, no lugar da Monalisa no Louvre, as pessoas vissem um xerox e não a obra original. Então por que que ele deixou passar a chance de colocar a Monalisa de volta na parede?

Moogie Canazio: Tem que lembrar o seguinte: primeiro, os Masters – se passaram 50 anos do momento em que foram gravados pela primeira vez. Segundo, o João estava com 80, quase, a capacidade auditiva dele estava alterada. Então, o que acontece: você, combinando essas duas coisas versus um outro aspecto da história, que é a memória auditiva do João era o que ele achava que era na época. Isso é intangível, né? A memória auditiva é intangível.

Felipe Novaes: Era como se a missão do André Dias não fosse a de restaurar um álbum. Fosse a de restaurar um momento. Restaurar aquele João Gilberto de 1958.

André Dias: Era uma equação quase impossível de fechar.

Felipe Novaes: E o resultado ficou assim. Ninguém nunca teve acesso ao material como ele foi concebido, com a qualidade sonora que a tecnologia permite hoje. Da mesma forma que ninguém tem acesso à emoção que o próprio João sentiu ali no estúdio, no auge dos 27 anos dele. Quando ele tava fazendo história e nem sabia. Lidar com essa memória inalcançável – e irrecuperável – parece ter ferido profundamente o João, por décadas.

Moogie Canazio: Eu imagino que o João morreu de desgosto. É o que eu acho. Que ele viu: "cara, eu não tenho forças mais. Não dá mais". Existe uma pretensão maligna das pessoas que não têm o privilégio de compreender o João, de querer diminuir a pessoa dele nesse aspecto. Por isso que eu te digo que o Brasil foi muito cruel com o João Gilberto a vida inteira, que ele é um dos maiores patrimônios culturais que o Brasil teve e foi sempre tratado como um louco, pô. E de louco ele não tinha nada. Ele tinha todo o direito de ser louco se quisesse ser. Ele pode. E podia. Ué, ele é o João Gilberto, cara. Alô?

Felipe Novaes: Depois que o João saiu da cobertura do Leblon, ele se recolheu ainda mais. Ele ficou ainda mais inacessível. Até que em 2017, a Bebel, filha dele, entrou com um pedido na Justiça pra interditar o pai. E ela passou a tomar as decisões básicas que ele já não conseguia tomar fazia muito tempo. Inclusive, a Bebel e o irmão mais velho dela, o João Marcelo, agora tão pedindo na justiça a anulação do acordo com o banco Opportunity. Eles acreditam que, lá em 2013, o pai deles já não tinha condições de firmar um contrato daqueles. Mas tem mais uma reviravolta nessa história.

Toda obra passa a ser de domínio público 70 anos depois da morte do autor. Mas no caso de fotografias, obras audiovisuais, e fonogramas, o domínio público passa a valer 70 anos depois da publicação. Repetindo aqui: pela legislação brasileira, depois de 70 anos da prensagem de um álbum, ele passa a ser de domínio público. As últimas faixas de “Chega de Saudade” foram gravadas em 1959. Isso significa que a partir de 2030 – que tá logo ali –, qualquer brasileiro vai poder relançar o primeiro álbum do João Gilberto.

E os outros dois álbuns vão cair em domínio público logo em seguida. Pode haver algumas questões autorais ou entendimentos jurídicos distintos, mas o caminho para outros selos lançarem essas obras fica bem simples. Quer dizer: vai abrir a porteira dos xerox da Monalisa.

Nem a família do João, nem o Opportunity, nem a gravadora vão ter o direito de comercializar exclusivamente a obra pela qual eles tanto brigaram. E o André, até hoje, não teve a chance de mostrar pro mundo o resultado do trabalho de restauração e remasterização das fitas, que ele passou meses fazendo.

Em julho de 2019, o João se foi. Dos 88 anos que ele viveu, 60 ele passou brigando pela obra dele. O Brasil perdeu um dos seus maiores nomes. Um cara que, com o jeito teimoso e inegociável dele, revolucionou a forma como a gente passou a ouvir e a fazer música.

Moogie Canazio: Quem inventou a Bossa Nova? A Bossa Nova foi o João. Foi ele que inventou. (cantarola uma melodia) Aquela onda maneira de cantar, o jeitinho, é ele. Aí vieram pessoas que fizeram outras coisas diferentes. Melhor, aperfeiçoaram, fizeram coisas, mas o João... Melhor do que o silêncio, só o João.

Branca Vianna: Esse foi o Felipe Novaes, colaborador da Rádio Novelo, que também coordena o núcleo de conteúdo da Brigitte Filmes. Obrigada por ouvir a gente até aqui.

Se você já zerou os episódios do Rádio Novelo Apresenta e tá encarando o abismo, sempre dá pra atacar nosso catálogo de séries. Tem o Praia dos Ossos, e o Crime e Castigo, e tem também o Tempo Quente, o projeto Querino, o Retrato Narrado, o República das Milícias, o Jogo de Cartas, e, mais recentemente, o Nenê da Brasilândia.

Dá pra conferir tudo lá no nosso site, onde você também consegue assinar a nossa newsletter e conferir o material extra que a gente publica toda semana. Essa semana, dá pra ver as fotos da vó Elisinha e a tal da carta do Papa Francisco.

Se você tá gostando do que você tá ouvindo, sempre ajuda se você puder deixar uma avaliação na plataforma que você tá usando agora pra escutar a gente. E não deixa de seguir a gente nas nossas redes – no Twitter e no Instagram: a gente tá no @radionovelo. Se quiser mandar alguma sugestão de história, é só escrever um email pra gente: apresenta@radionovelo.com.br. Aliás: lá no nosso site tem um passo a passo bonitinho de como formatar a sua história pra mandar pra cá. Corre lá pra ver.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pela Marcella Ramos. A sonorização é da Paula Scarpin e da Bia Guimarães. A sonorização é da Paula Scarpin, e da Júlia Matos. Neste episódio, a gente usou música original do Victor Rodrigues Dias e da Blue Dot, além de “Chega de Saudade” e “Desafinado”, do João Gilberto, interpretados pelo João Gilberto. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.